

Kukas na Gulbenkian

Vinte anos a reinventar a ourivesaria portuguesa

Uma jóia pensada, construída como um objecto de arte, eis o que Kukas nos oferece na Fundação Gulbenkian, com 103 criações que vão do colar, anéis, pulseiras, brincos, botões de punho, broches, às caixas, facas para cortar papel, etc.

A "desumanização" e a "standartização" podem bem ser sinais dos tempos modernos, mas haverá sempre um criador, como Kukas, para se debruçar sobre o trabalho bem feito, o objecto único, o presente raro.

Há anos que ela constitui, forma e anima peças originais que o automatismo, o trabalho em série e a grande produção tinham, a pouco e pouco, feito esquecer.

Uma pedra, por exemplo, serve-lhe, de facto, muitas vezes de ponto de partida. E sobre isso a artista constrói uma jóia única, onde a pureza do desenho se conjuga perfeitamente com a relação dos volumes e a harmonia das cores. Todos esses objectos transmitem uma espécie de prestígio sagrado ou de mistério, que os poderia tornar assustadores se não fossem tão belos.

Ao observar esta exposição esqueci os trabalhos feitos em série, encastoados em suportes sumptuosos, reduzidos ao anonimato na obscuridade de um guarda-jóias qualquer. Descobri a peça graciosa, aquela em que o valor não atinge apenas o número de quilates e onde o lado afectivo não exclui o do amor.

Com Kukas e as suas impressões para o jornal "O DIA".

"O DIA" — Porquê esta exposição agora, após 10 anos sem expor?

K. — Uma exposição tem sempre, a meu ver, um objectivo específico: comunicar. Depois, consoante o nível de aceitação e de entusiasmo do público, advêm factores de estímulo para um trabalho em continuidade.

O facto de não expor há muito tempo é de natureza estritamente material. Limitações e condicionamentos nessa área verificaram-se sempre, de forma mais ou menos constante. Só emprego materiais caros no meu trabalho, tais como ouro e brilhantes e embora sejam encomendas há sempre um investimento que exige reservas.

"O DIA" — Desde quando começou a fazer este tipo de arte?

K. — Comecei há cerca de 20 anos com a minha primeira exposição no "Diário de Notícias" em 1963. Tive grande êxito, de resto bas-

tante inesperado para mim, porque me sentia, então, ainda bastante insegura. Já se faziam jóias modernas em muitos outros países, mas em Portugal suponho que fui eu quem deu o primeiro empurrão.

Escolhi esta forma de arte porque gosto de ourivesaria. Contrariava-me ver o que então se fazia. Enquanto noutros âmbitos a arte ia evoluindo, neste não. Reinava o convencionalismo, o hábito instalado da cópia de peças dos séculos anteriores.

A ourivesaria na sua função de adorno é testemunho de uma época revelando o seu espírito e forma de viver e por isso deve ter um "design" contemporâneo e por isso me insurjo contra os revivalismos decadentes.

"O DIA" — Quais os materiais que utiliza?

K. — Desde o brilhante ao seixo rolado da praia. Sou pouco ou nada eclética nessa escolha. O que me interessa fundamentalmente é o resul-

tado, o valor estético a que me proponho ao utilizá-los.

Quanto aos metais, prefiro o ouro, a prata, o aço pela sua perenidade, mas não faço nenhuma discriminação quanto a quaisquer outros.

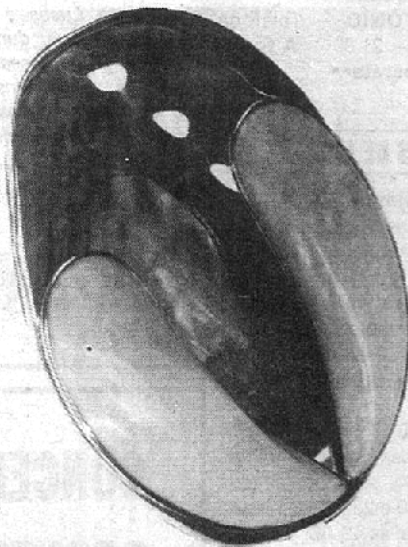
"O DIA" — Tem dificuldade em obter as matérias-primas?

K. — Tenho, sim, sobretudo pedras: pedras de lua, cristais de rocha, quartzos rútilos (para só falar das minhas preferências). É quase impossível encontrá-los no

ca possível, rodeando-me de materiais heterogêneos, olhando-os, tocando-os, misturando-os, até que da ideia surja a forma que dignamente os poderá receber e pôr em valor.

"O DIA" — As peças são originais? Quais as suas fontes de inspiração?

K. — As peças são originais, sou eu que as crio. Penso não ter recebido directamente influências, embora tenha a maior admiração pelo que, no âmbito da jóia, fi-



Ourivesaria na sua função de adorno: testemunho de uma época reveladora do seu espírito e forma de viver

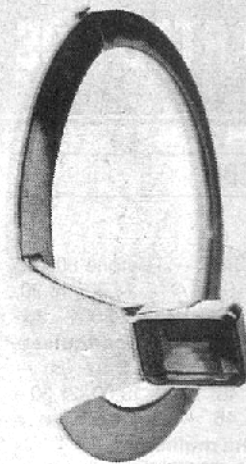
"O DIA" — Qual o seu ritmo de trabalho. Como trabalha?

K. — Se entender como ritmo o número de horas por dia, dir-lhe-ei que não faço a menor ideia. Detesto horários, detesto a vida programada; digamos que me organizo na minha desorganização. O meu trabalho tem de processar-se numa disponibilidade tranquila, que se enquadra numa forma mais ou menos plena de liberdade. Trabalho de forma mais lúdi-

zeram Braque, Dali, Arp e outros. Quantos às fontes de inspiração, sinto-as como respiro. Fazem parte integrante da minha forma de olhar e estar no mundo. Não tenho ideias pré-concebidas. Tanto me motiva um sinal gráfico, como o esvoaçar de pássaros que vejo diariamente das minhas janelas. Pode ser o fragmento de um tronco de árvore, a folha de uma planta, o corte de um fruto, a espinha de um peixe, a forma de um osso, uma nuvem que desaba em chuva, esque-



Kukas: "Não tenho ideias pré-concebidas..."



Ovo em prata com um "fecho-éclair" em ouro. E por que não?

mas de astronomia de livros que folheio, como a palavra escrita. Gostaria de poder concretizar em jóias, logogramas. Gostaria de explorar a forma de ovo até à usura porque é uma forma que me fascina — completa, fechada, bastando-se a si própria. Porque não um ovo em prata com um "fecho-éclair" de ouro?

Todos os materiais podem viver em boa harmonia estética se lhes reinventarmos um "habitat". Dou-lhe um exemplo perfeitamente ocasional, que me aconteceu ao fazer uma pulseira de tartaruga, à qual queria juntar outro elemento. Peguei em duas ágatas que se confundem em cor e textura com a tartaruga sem quase se distinguirem: uma de natureza mineral outra, animal, equivalendo-se em coabitação pacífica.

"O DIA" — A sua ourivesaria tem alguma relação com motivos regionais portugueses?

K. — De forma alguma, embora eu tenha o maior respeito e apreço pelo artesanato genuíno. Custa-me imenso vê-lo degenerado. O facto de não me inspirar neles não tem nenhuma conotação depreciativa, antes pelo contrário. Veja, por exemplo, o resulta-

do genial da influência do azulejo português em algumas das telas de Vieira da Silva.

"O DIA" — Acha que numa sociedade como a portuguesa este tipo de arte tem aceitação?

K. — Penso que há receptividade para a jóia moderna, como para a arte moderna em geral, mas também penso que por enquanto ainda não estão criadas as condições culturais para o seu entendimento. No caso específico da jóia é mais fácil porque é

um objecto muito táctil e conjuga-se com o corpo. No caso da pintura, por exemplo, é mais difícil. Requer uma contemplação interior.

"O DIA" — Quais os seus projectos futuros?

K. — Não faço projectos. Para mim, projectar é sobrepor-se ao tempo, é antecipar-se, é como um salto no vazio, sem saber se num futuro, mesmo próximo, se verificarão as condições de realização.

Margarida Botelho



EXPO
LISBOA
DESAFIO
AO
FUTURO